

Responsável pela pesquisa, seleção e edição: Aníbal A. Fontes (Professor Bibliotecário)

Contacto: biblioteca.esjp@gmail.com

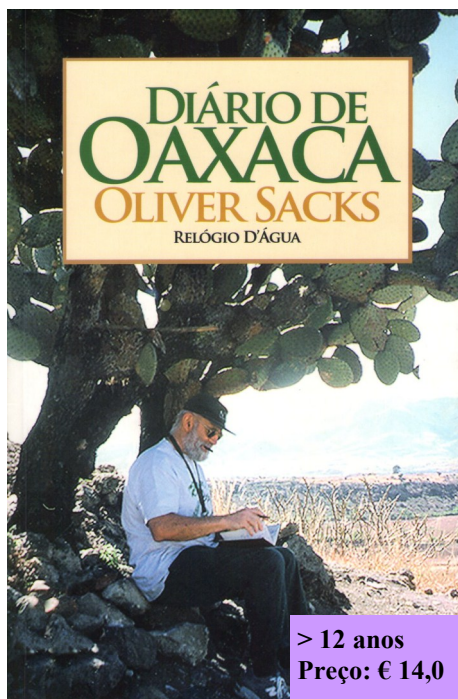
Pequeno editorial

Na anterior *Azolla*, deixava-se no ar a possibilidade de retorno ao tema da designação desta publicação. Talvez por influência do *Diálogo sobre a justeza dos nomes*, de Platão (que releio), pen-sei ajustar o nome à coisa. De vários nomes, surgiram *Passiflora* e *Ricinus*. A primeira, abandonada por possíveis conotações religiosas e pelo torpor que poderia provocar; a segunda, pela violência que até poderia ser letal. Restou um «feto de água pequenino, o Azolla, que incorpora e vive com uma cianobactéria fixadora de azoto». A simbiose deste feto com a Anabaena Azolla faz com que o arroz «cresça com mais vigor». À lama com Azolla enraizada, «chamam-lhe estrume verde». Tudo simbólico nesta publicação escolar, não vos parece?

LEITURAS DO PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO

O pequeno editorial lateral tem a ver com uma das recentes leituras do PB, a obra de Oliver Sacks, *Diário de Oaxaca*, publicado pela Relógio d'Água (2011). A tradução é de Clara Pinto Correia e o apoio científico de João Lourenço Monteiro.

A leitura deste diário faz-se de uma penada já que o discurso é singelo. Além do conteúdo científico — abordado também com simplicidade —, os curtos apontamentos histórico-económicos, etnográficos e mesmo antropológicos, que acrescentam valor significativo aos dados recolhidos por O. Sacks àquela região do México, tornam o *Diário* uma leitura apetecível para graúdos e para jovens. Finalmente, da sua página 59, saiu a designação do feto que dá nome a esta



Oliver Sacks é conhecido como um explorador da mente humana — um neurologista que analisa casos raros e complexos. No entanto, Sacks é também membro da American Fern Society, revelando desde a sua infância um fascínio por plantas primitivas e pela sua adaptação a climas diferentes.

Em *Diário de Oaxaca*, Sacks conta-nos a viagem que realizou com alguns colegas da American Fern Society a Oaxaca, uma província no México. Este livro junta a paixão de Sacks pela história natural e a riqueza da cultura humana com o seu olhar atento ao pormenor. *Diário de Oaxaca* é uma evocação de um lugar, das suas plantas, do seu povo e de todas as suas maravilhas.

«Fácil de compreender, sem o peso de uma vasta pesquisa enciclopédica mas recheado de erudição.»
[*The New Yorker*]

«Como todos os bons diários, tem uma relação imediata com o leitor... este livro é um prazer raro.»
[*The Globe and Mail* (Toronto)]

«*Diário de Oaxaca* aumentou o meu desejo de visitar o México, como só a melhor escrita sobre viagens o faz.»
[*Providence Journal*]

> 12 anos
Preço: € 14,0

MUSICAS DO MUNDO

Música em torno dos poemas de Omar Khayyam
- FCG, 9 de abril

Pág. 2

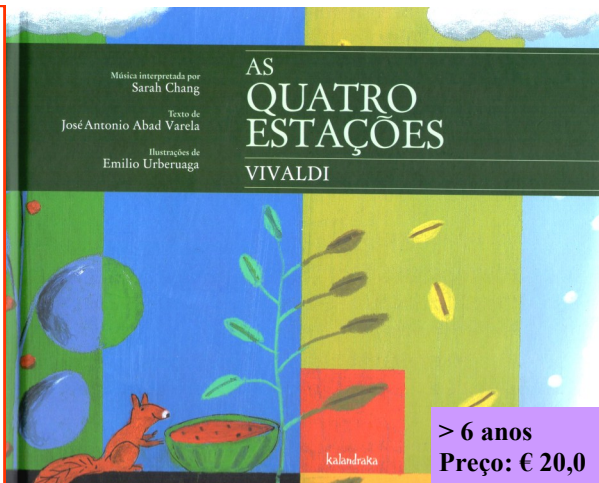
LEITURAS do PB

Samarcanda
de Amin Maalouf
- à procura de

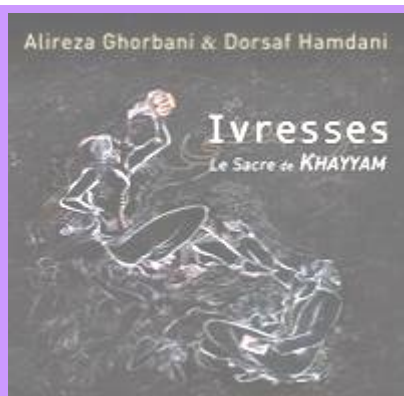
Pág. 2

Prenda de Páscoa... Deliciosa

Posto à venda na passado mês de Março pela editora Kalandraka, *As quatro estações* (o livro contém disco com Vivaldi interpretado pela jovem violinista Sarah Chang, texto de José Abad Varela e lindas ilustrações de Emílio Urberuaga) são uma ótima companhia para os folares da Páscoa que madrinhas e padrinhos tradicionalmente oferecem às afilhadas e aos afilhados. Não resisti. Já vi, li e escutei, antes de o oferecer.



> 6 anos
Preço: € 20,0



Fundação Calouste Gulbenkian

Segunda, 09 de abril de 2012

às 21:00 horas

Grande Auditório

Preços:

Plateia A € 21,50

Plateia B € 18,50

Plateia C € 16,00

Para mais consultas:

http://www.gulbenkian.pt/index.php?object=160&article_id=3567&cal=concertos

Músicas do mundo

Alireza Ghorbani e Dorsaf Hamdani

Ivresses

Em torno da poesia de Omar Khayyam

ALIREZA GHORBANI (canto clássico persa)

DORSAF HAMDANI (canto clássico árabe)

ALI GHAMSARY (composição, tar, divan)

SAMAN SAMIMI (kamanche, tanbur)

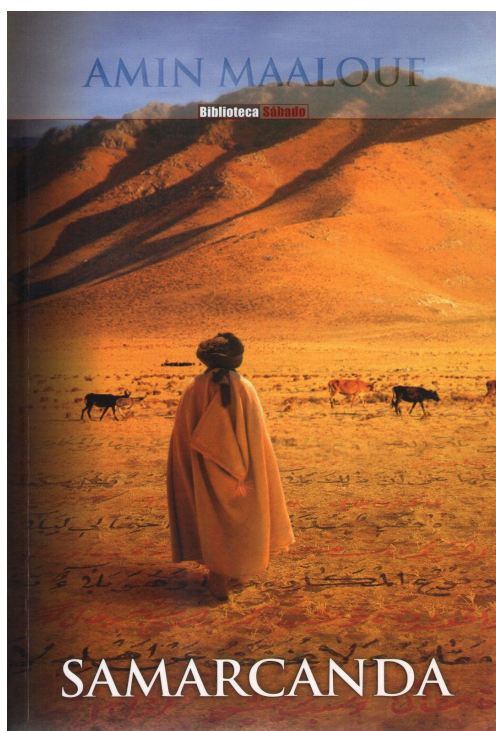
HUSSEIN ZAHAWY (daf, darbouka, dayera)

KEYVAN CHEMIRANI (zarb, udu, bendir)

SOFIANE NEGRA (oud)



Em Portugal, *Samarcanda* do jornalista libanês Amin Maalouf foi publicada pela Difel, em 1989. Vinte anos depois, o grupo editorial a que pertence a revista Sábado, reeditou esta obra. Por acaso, li-a integralmente, na transição de 2011 para 2012. Embora não seja conselheiro de coisa alguma, opino que merece lê-la, tanto mais G. Cascais Franco traduziu ao texto original para um português que deleita e começa a ser raro. Coincidência das coincidências, a FCG apresenta um espetáculo musical focado nos Robaiyat, os poemas de Omar Khayyam. Pelos intérpretes, pela oportunidade de escutar instrumentos poucos usuais em Portugal, a minha expectativa é elevada.



Samarcanda

Numa época de obscurantismo e fanatismo religioso, Omar Khayyam, o grande livre-pensador do Oriente, foi capaz de oferecer ao mundo uma mensagem hedonística e heterodoxa. Este poeta, filósofo, astrónomo e matemático persa do século XI deixou escrita uma colecção de poemas dedicados ao vinho, os célebres *Robaiyat*, nos quais aflora o mais refinado da perdida civilização persa. Seguindo esse manuscrito durante quase um milénio, Maalouf introduz-nos na apaixonante história da Pérsia através de um espectacular fresco em que a cidade de Samarcanda se destaca como protagonista.

Amin Maalouf nasceu em Beirute, Líbano, em 1949. Trabalhou como jornalista e foi enviado especial em diversas zonas em conflito, como o Vietname e a Etiópia, até ao princípio da guerra civil no Líbano em 1975, momento em que se mudou para Paris como refugiado. Conhecedor da língua árabe e da francesa, de família muçulmana e cristã, a sua narrativa mistura inevitavelmente as culturas do Oriente e do Ocidente. Vencedor em 1993 do Prémio Goncourt, o mais prestigioso das letras francesas, é autor de romances universalmente aplaudidos como *Leão o Africano*, *O Rochedo de Tanios*, *Os Jardins de Luz*, *O Périplo de Baldassare* ou *Samarcanda*, publicado em 1988 e para muitos a sua obra-mestra.